

CARTA AO JORNAL *LA LIBERTE*, DE BRUXELAS

À Redação de La Liberte

5 de outubro de 1872, Zurique

Senhores Redatores,

Depois de ter publicado a sentença de excomunhão que o Congresso marxista de Haia acaba de pronunciar contra mim, achareis justo publicar minha resposta, não é mesmo? Ei-la.

O triunfo do Sr. Marx e dos seus foi completo. Certos de uma maioria que haviam longamente preparado e organizado com muita habilidade e cuidado, senão com muito respeito por esses princípios da Moral, da Verdade e da Justiça que tão amiúde encontramos em seus discursos e tão raramente em seus atos, os marxistas retiraram a máscara e, como convém a homens apaixonados detem o poder, sempre em nome dessa soberania do povo que, doravante, servirá de degrau a todos os pretendentes ao governo das massas, decretaram audaciosamente a escravidão do povo da Internacional.

Se a Internacional fosse menos vivaz, se ela estivesse fundamentada, como eles pensam, somente sobre a organização de centros dirigentes, e não sobre a solidariedade real dos interesses e das aspirações efetivas do proletariado de todos os países do mundo civilizado, sobre a federalização espontânea e livre das secções e das federações operárias, independentemente de toda tutela governamental, os decretos desse nefasto Congresso de Haia, encarnação muito servil e fiel das teorias e da prática marxistas, teriam sido suficientes para matá-la. Teriam tornado simultaneamente ridícula e odiosa esta magnífica associação, de cuja fundação, gosto de constatar, o Sr. Marx havia tomado parte de modo tão inteligente quanto enérgico.

Um Estado, um governo, uma ditadura universal! O sonho dos Gregório VII, dos Bonifácio VIII, dos Carlos V e dos Napoleão, reproduzindo-se sob novas formas, mas sempre com as mesmas pretensões, no campo da democracia socialista! Pode-se imaginar algo de mais burlesco, mas também de mais revoltante?

Sustentar que um grupo de indivíduos, mesmo os mais inteligentes e os mais bem intencionados, será capaz de tornar o pensamento, a alma, a vontade dirigente e unificadora do movimento revolucionário e da organização económica do proletariado de todos os países é de uma tal heresia contra o senso comum e contra a experiência histórica que nos perguntamos, com perplexidade: como um homem tão inteligente quanto o Sr. Marx pôde concebê-la?

Os papas, ao menos, tinham por desculpa a verdade absoluta que eles diziam ter em mãos pela graça do Espírito Santo e na qual eram obrigados a crer. O Sr. Marx não tem absolutamente esta desculpa e não lhe farei a injúria de pensar que ele crê ter inventado cientificamente algo que se aproxime da verdade absoluta. Mas a partir do momento que o absoluto não existe, não pode existir para a Internacional dogma infalível nem, conseqüentemente, teoria política ou económica oficial, e nossos congressos nunca devem assumir o papel de concílios ecuménicos proclamando princípios obrigatórios para todos os associados e fiéis.

Só existe uma única lei realmente obrigatória para todos os membros, indivíduos, secções e federações da Internacional, da qual esta lei constitui a verdadeira, a única base: é, em toda a sua extensão, em todas as suas conseqüências e aplicações, A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DE TODAS AS PROFISSÕES E DE

TODOS OS PAÍSES EM LUTA ECONÓMICA CONTRA OS EXPLORADORES DO TRABALHO. É na organização real desta solidariedade, pela ação espontânea das massas operárias de todas as línguas e de todas as nações, e não em sua unificação por decretos, nem sob a batuta de um governo qualquer, que reside unicamente a unidade real e viva da Internacional.

É desta organização cada vez mais ampla da solidariedade militante do proletariado contra a exploração burguesa que deve sair e surge, com efeito, a luta política do proletariado contra a burguesia. Quem pode duvidar disso? Os marxistas e nós somos unânimes nesse ponto. Entretanto, apresenta-se de imediato a questão que nos separa tão profundamente dos marxistas.

Pensamos que a política, necessariamente revolucionária, do proletariado deve ter por objetivo imediato e único a destruição dos Estados. Não compreendemos que se possa falar da solidariedade internacional quando se quer conservar os Estados, — a menos que se sonhe com o Estado universal, isto é, com a escravidão universal, como os grandes imperadores e os papas, — o Estado, por sua própria natureza, por ser uma ruptura desta solidariedade, é, em consequência, uma causa permanente de guerra. Também não concebemos que se possa falar da liberdade do proletariado ou da libertação real das massas no Estado e pelo Estado. Estado quer dizer dominação, e toda dominação supõe a subjugação das massas e, desta forma, sua exploração em proveito de uma minoria governamental qualquer.

Não admitimos, nem mesmo como transição revolucionária, as Convenções Nacionais, as Assembleias Constituintes, os governos provisórios ou as ditaduras pretensamente revolucionárias; porque estamos convictos de que a revolução só é sincera, honesta e real, nas massas, e que, quando ela se encontra concentrada nas mãos de alguns indivíduos governantes, torna-se inevitável e, imediatamente, reação. Tal é a nossa crença, e este não é o momento para desenvolvê-la.

Os marxistas professam ideias totalmente contrárias. Eles são adoradores do poder do Estado, e necessariamente também os profetas da disciplina política e social, os campeões da ordem estabelecida de cima para baixo, sempre em nome do sufrágio universal e da soberania das massas, às quais reservam a felicidade e a honra de obedecer a chefes, a mestres eleitos. Os marxistas não admitem absolutamente outra emancipação senão a que eles esperam de seu Estado pretensamente popular (*Volksstaat*). Eles são tão pouco inimigos do patriotismo que sua própria Internacional traz muito frequentemente as cores do pangermanismo. Existe entre a política bismarckiana e a política marxista uma diferença sem dúvida muito sensível, mas entre os marxistas e nós há um abismo. Eles são governamentais; nós, anarquistas.

Tais são as duas principais tendências políticas que hoje separam a Internacional em dois campos. De um lado, só há, para dizer a verdade, a Alemanha; do outro, há, em graus diferentes, a Itália, a Espanha, o Jura suíço, uma grande parte da França, a Bélgica, a Holanda e, em um futuro muito próximo, os povos eslavos. Estas duas tendências chocaram-se no Congresso de Haia, e, graças à grande habilidade do Sr. Marx, graças à organização completamente artificial de seu último Congresso, a tendência germânica venceu.

Significa dizer que a terrível questão foi resolvida? Não foi sequer propriamente discutida; a maioria tendo votado como um regimento bem adestrado, esmagou toda discussão sob seu voto. A contradição existe, portanto, mais viva e mais ameaçadora do que nunca, e o próprio Sr. Marx, apesar de toda a embriaguez do triunfo, não acredita, sem dúvida, que possa safar-se assim tão facilmente. E mesmo que tenha podido conceber por um momento tão louca esperança, o protesto solidário dos delegados jurassianos, espanhóis, belgas e holandeses (sem falar da Itália, que sequer consentiu enviar seus delegados para esse Congresso muito ostensivamente falsificado), este protesto tão moderado na forma, mas muito mais enérgico e significativo no fundo, deve tê-lo rapidamente desiludido.

Este protesto em si mesmo é, evidentemente, um fraquíssimo prelúdio da oposição formidável que vai eclodir em todos os países verdadeiramente penetrados pelo princípio e pela paixão da revolução social. E toda esta tempestade terá

sido provocada pela preocupação tão infeliz dos marxistas em fazer da questão política uma base, um princípio obrigatório da Internacional.

Com efeito, entre as duas tendências acima indicadas, nenhuma conciliação é hoje possível. Somente a prática da revolução social, de novas grandes experiências históricas, a lógica dos eventos poderão conduzi-las cedo ou tarde a uma solução comum; fortemente convictos da certeza de nosso princípio, esperamos que nesse momento os próprios alemães — os trabalhadores da Alemanha, não seus chefes — acabarão por se juntar a nós para demolir essas prisões denominadas Estados e para condenar a política, que outra coisa não é senão a arte de dominar e de tosquiá as massas.

Mas o que fazer hoje? Hoje, a solução e a conciliação no terreno político sendo impossíveis, é preciso tolerar-se mutuamente e deixar a cada país o direito incontestável de seguir as tendências políticas que mais lhe aprouverem ou que melhor lhe parecerem adaptadas à sua situação particular. Rejeitando, em consequência, todas as questões políticas do programa obrigatório da Internacional, é preciso buscar a unidade desta grande associação unicamente no terreno da solidariedade económica. Esta solidariedade nos une, enquanto as questões políticas fatalmente nos separam.

É certo que nem os italianos, nem os espanhóis, nem os jurassianos, nem os franceses, nem os belgas, nem os holandeses, nem os povos eslavos, esses inimigos históricos do pangermanismo, nem mesmo o proletariado da Inglaterra e da América, jamais se submeterão às tendências políticas que hoje a ambição de seus chefes impõe ao proletariado da Alemanha. Mas, supondo até mesmo que, em consequência dessa desobediência, o novo Conselho Geral golpeie com a proibição todos esses países, e que um novo concílio ecuménico dos marxistas os excomungue e os declare expulsos do seio da Internacional, a solidariedade económica que existe necessária, natural e fatalmente, entre o proletariado de todos esses países e o da Alemanha será diminuída? Que os operários da Alemanha façam uma greve, que eles se revoltem contra a tirania económica de seus patrões, ou que se revoltem contra a tirania política de um governo que é o protetor natural de capitalistas e outros exploradores do trabalho popular, o proletariado de todos esses países excomungados pelos marxistas permanecerá de braços cruzados, espectador indiferente desta luta? Não, ele lhes dará todo seu pobre dinheiro e, além do mais, dará todo o seu sangue a seus irmãos da Alemanha, sem lhes perguntar previamente qual será o sistema político no qual eles acreditarão dever buscar sua libertação.

Bis, portanto, onde se encontra a verdadeira unidade da Internacional: ela está nas aspirações comuns e no movimento espontâneo das massas populares de todos os países, não em um governo qualquer, nem em uma teoria política uniforme, imposta por um Congresso Geral a essas massas. Isso é de tal forma evidente que é preciso estar bem cego pela paixão do poder para nada compreender disso.

Concebo, a rigor, que os déspotas, coroados ou não, tenham podido sonhar com o cetro do mundo; mas o que dizer de um amigo do proletariado, de um revolucionário que declara desejar seriamente a emancipação das massas e que, ao se colocar como diretor e árbitro supremo de todos os movimentos revolucionários que podem eclodir em diferentes países, ouse sonhar com a subjugação do proletariado de todos esses países em um único pensamento, gerado em seu próprio cérebro?

Penso que o Sr. Marx é um revolucionário muito sério, ainda que nem sempre muito sincero, que deseja realmente a insurreição das massas; e pergunto-me como faz para não enxergar que o estabelecimento de uma ditadura universal, coletiva ou individual, ditadura que faria, de certa forma, o trabalho de um engenheiro-chefe da revolução mundial, regulando e dirigindo o movimento insurrecional das massas, em todos os países, como se dirige uma máquina, — que o estabelecimento de semelhante ditadura bastaria por si só para matar a revolução, paralisar e falsear todos os movimentos populares? Qual é o homem, qual é o grupo de indivíduos, por maior que seja seu génio, que ousaria gabar-se de poder sozinho abarcar e compreender a infinita multidão de interesses, tendências e ações tão diversos em cada país, em cada província, em cada localidade, em cada profissão, e cujo imenso conjunto, unido mas não uniformizado por uma grande aspiração comum e por alguns princípios fundamentais que doravante estarão na consciência das massas, constituirá a futura revolução social?

E o que pensar de um congresso internacional que, no pretenso interesse dessa revolução, impõe ao proletariado de todo o mundo civilizado um governo investido de poderes ditatoriais, com o direito inquisitorial e pontifical de suspender federações regionais, proibir nações inteiras em nome de um princípio pretensamente oficial, que outro não é senão o próprio pensamento do Sr. Marx, transformado pelo voto de uma maioria fictícia em verdade absoluta? O que pensar de um congresso que, para tornar, sem dúvida, sua loucura ainda mais ostensiva, relega na América esse governo ditatorial, depois de tê-lo composto de homens provavelmente muito honestos, mas obscuros, suficientemente ignorantes e absolutamente desconhecidos dele próprio? Nossos inimigos, os burgueses, teriam razão, portanto, quando ridicularizam nossos congressos e quando declaram que a Associação Internacional dos Trabalhadores só combate as velhas tiranias para estabelecer uma nova, e que, para substituir dignamente os absurdos existentes, deseja criar outro!

Pela honra e pela própria salvação da Internacional, não deve tendo aplicado durante tantos anos sua extraordinária inteligência ao estudo dos fatos económicos da Inglaterra, adquiriu um conhecimento muito detalhado e aprofundado das relações económicas do trabalho e do capital nesse país. Todos os seus escritos comprovam isso, e, se fizermos abstração de certo jargão hegeliano, do qual nunca se pôde livrar, verificaremos que, sob o pretexto capcioso de que todos os outros países, sendo mais atrasados do ponto de vista da grande produção capitalista, também o são necessariamente do ponto de vista da revolução social, o Sr. Marx só tem em vista principalmente os fatos ingleses. Dir-se-ia um inglês falando só para ingleses.

Isso não constitui, sem dúvida, um grande mérito do ponto de vista da internacionalidade, mas pelo menos se pode concluir daí que o Sr. Marx devia exercer uma influência tão legítima quanto salutar sobre os operários da Inglaterra; e, com efeito, uma intimidade muito séria e uma grande confiança mútua pareciam haver existido durante muitos anos entre ele e um bom número de operários ingleses extraordinariamente ativos, o que fazia com que todos pensassem que ele gozava, em geral, de uma autoridade considerável na Inglaterra, e isso não podia deixar de aumentar seu prestígio sobre o continente. Esperava-se, portanto, com tanta impaciência quanto confiança, em toda a Internacional, o momento em que, graças a sua propaganda enérgica e inteligente, o milhão de trabalhadores que formam hoje a formidável associação das Trade Unions¹ passariam de armas e bagagens para o nosso campo.

Esta esperança está a ponto de se realizar, pelo menos parcialmente. Uma Federação inglesa, formalmente aderente à Internacional, acaba de se formar. Mas, coisa estranha, o primeiro ato dessa Federação foi romper abertamente toda relação de solidariedade com o Sr. Marx; e se julgarmos segundo o que revela o Vorwärts, e principalmente quanto às palavras amargas, as injúrias que o Sr. Marx, no Congresso de Haia, lançou imprudentemente à face dos trabalhadores ingleses, chegaremos à conclusão de que o proletariado da Grã-Bretanha recusa-se decididamente a curvar-se ao jugo do ditador socialista da Alemanha. Ter cortejado um povo durante mais de vinte anos para chegar a semelhante resultado! Ter cantado em todos os tons os louvores aos trabalhadores ingleses, tê-los recomendado como modelos a serem imitados pelo proletariado de todos os outros países e, em seguida, ver-se forçado repentinamente a amaldiçoá-los e a declará-los vendidos a todas as reações! Que desventura e que queda, não para os operários ingleses, mas para o Sr. Marx!

Queda, por sinal, perfeitamente merecida. O Sr. Marx havia, durante muito tempo, mistificado os membros ingleses do Conselho Geral. Aproveitando, em parte, sua ignorância sobre assuntos do continente e, em parte, também, de sua indiferença tão lamentável por esses assuntos, durante muitos anos ele havia conseguido fazer com que aceitassem tudo o que tivesse desejado. Parece ter existido entre o Sr. Marx e esses membros ingleses um tipo de acordo tácito, segundo o qual o Sr. Marx não devia imiscuir-se nas questões propriamente inglesas, ou só devia intrometer-se quando isso lhes aprouvesse; em troca, eles lhe entregavam toda a direção da Internacional no continente, que lhes interessava muito pouco. Para a honra desses cidadãos, deve-se supor que eles tivessem lido a maior confiança na lealdade e na justiça do Sr. Marx.

¹ Sindicatos. Em inglês no original. N. do T.

Sabe-se hoje a que ponto o Sr. Marx havia abusado dessa confiança. Sabe-se que todos os assuntos da Internacional, ou melhor, que todas as intrigas fomentadas secretamente, em nossa grande associação, em nome do Conselho Geral, foram combinadas e dirigidas por um círculo íntimo do Sr. Marx, composto quase exclusivamente de alemães, e que ocupavam de certa forma as funções de comitê executivo: esse comitê sabia de tudo, decidia tudo, fazia tudo. Os outros membros, que formavam a grande maioria do Conselho Geral, ao contrário, ignoravam absolutamente tudo. Mostrou-se complacente para com eles até o ponto de poupar-lhes o trabalho de assinar seus nomes nas circulares do Conselho Geral; faziam-no por eles, de modo que, até o último momento, não tiveram sequer a mínima ideia de todas as abominações das quais os tornaram responsáveis sem seu conhecimento.

Concebe-se que partido deviam tirar de uma situação tão favorável homens como Marx e seus amigos, políticos muito hábeis para se deterem diante de algum escrúpulo. Não é necessário dizer, creio, qual foi o objetivo da grande intriga. Foi o estabelecimento da ditadura revolucionária do Sr. Marx na Europa, por intermédio da Internacional. Novo Alberoni², o Sr. Marx sentiu-se suficientemente audacioso para conceber e realizar tal pensamento. Quanto aos meios de execução, devo observar que falou deles com uma superficialidade e um desdém pouco sinceros em seu último discurso de Amsterdã. É verdade, como ele o disse, que, para subjugar o mundo, não possui à sua disposição nem exércitos, nem finanças, nem fuzis, nem canhões Krupp. Todavia, possui um extraordinário gênio para a intriga e uma resolução que não pára diante de nenhuma vilania; possui, além do mais, a seu serviço, um numeroso corpo de agentes, hierarquicamente organizados e agindo em segredo sob suas ordens diretas; um tipo de maçonaria socialista e literária na qual seus compatriotas, os judeus alemães e outros, ocupam lugar considerável e manifestam zelo digno de uma melhor causa. Ele obteve, enfim, o grande nome da Internacional, que exerce um poder tão mágico sobre o proletariado de todos os países, e da qual, durante muito tempo, foi-lhe permitido servir-se para realizar seus projetos ambiciosos.

Foi desde 1869, mas principalmente desde 1871, que o Sr. Marx entrou em campanha. Até o Congresso de Basileia (setembro de 1869), ele soube mascarar seus projetos. Todavia, tendo as resoluções desse Congresso excitado sua cólera e seus temores, ordenou a todos os seus partidários um ataque geral e furioso contra aqueles que começou, daí em diante, a odiar como adversários irreconciliáveis de seu princípio e de sua ditadura. Abriu-se fogo sucessivamente contra meus amigos e eu, mas principalmente contra mim, inicialmente em Paris, em seguida em Leipzig e Nova Iorque, enfim, em Genebra. Ao invés de obuses, os artilheiros marxistas lançaram-nos lama. Foi um dilúvio de calúnias estúpidas e imundas. Já na primavera de 1870 eu sabia, — o Sr. Utin (um pequeno judeu russo que por todos os tipos de vilanias se esforça para obter uma posição nesta pobre Internacional de Genebra) contou a quem quisesse escutá-lo, — que o Sr. Marx lhe havia escrito uma carta confidencial, na qual lhe recomendava reunir contra mim todos os fatos, isto é, todas as histórias, todas as acusações, tão odiosas quanto possível, com aparências de provas, acrescentando que se essas aparências fossem plausíveis, servir-se-iam delas contra mim no próximo Congresso. Foi a partir daí que começaram a forjar a famosa calúnia, fundamentada em minhas relações passadas com o infeliz Netchaiev, relações de que ainda me é proibido falar, e das quais os marxistas da comissão de investigação acabam de se servir para decretar no Congresso marxista de Haia, tudo preparado antecipadamente, minha expulsão.

Para dar a medida da boa fé dos agentes e dos jornais marxistas, que me seja permitido contar uma outra anedota. Estou de tal forma habituado a saber que, sistemática e regularmente, sou difamado em quase todo número do Volksstaat, que normalmente não me dou sequer ao trabalho de ler as idiotices que ele debita contra mim. Excepcionalmente, meus amigos me mostraram uma dessas, que creio ser útil mencionar aqui, ainda mais porque me parece muito própria para ressaltar a lealdade e a veracidade do Sr. Marx. O respeitável jornal de Leipzig, órgão do Partido da social-democracia na Alemanha, parece ter-se dado como missão provar que sou nada menos do que um agente pago pelo governo russo. Publicou com este objetivo os fatos mais inauditos, por exemplo, como meu falecido compatriota Alexandre Herzen e eu, recebíamos todos os dois, subsídios

² Ministro de Felipe V. Procurou assegurar à Espanha uma posição dominante na Europa, mas, tendo fracassado, foi exilado. N. de Arthur Lehning.

consideráveis de um comitê pan-eslavista estabelecido em Moscou sob a direção imediata do governo de São Petersburgo, e que depois da morte de Herzen tive a vantagem de ver dobrar a minha pensão. Compreende-se que contra fatos tão triunfantes nada tive de responder.

No número 71 do *Volksstaat*, de 4 de setembro de 1872, conta-se a seguinte anedota: em 1848, Bakunin encontrando-se em Breslau, onde os democratas alemães haviam cometido a estupidez de recebê-lo com plena confiança, sem perceber que ele fazia propaganda pan-eslavista, um jornal de Colônia, o *Neue Rheinischer Zeitung*, redigido pelos Srs. Marx e Engels, publicou uma correspondência de Paris, na qual se escrevia que a Sra. George Sand havia se expressado de maneira muito inquietante em relação a Bakunin, dizendo que era preciso tomar cuidado com ele, que não se sabia o que ele era nem o que desejava, que era, em resumo, um personagem muito equívoco etc, etc... O *Volksstaat* acrescenta que Bakunin nunca havia respondido a acusação tão direta, que, ao contrário, havia se eclipsado e, principalmente, que se havia refugiado na Rússia depois da publicação desta correspondência, só reaparecendo em 1849, na Alemanha, para tomar parte, sem dúvida como agente provocador, no movimento insurrecional de Dresden.

Eis agora os fatos, em sua verdade. Os Srs. Marx e Engels haviam realmente publicado esta correspondência de Paris contra mim, o que prova somente que, desde esse momento, já sentiam uma amizade bem afetuosa por mim e estavam animados desse mesmo espírito de lealdade e justiça que os distingue hoje. Não creio ser necessário contar aqui os fatos que atraíram sobre mim esta manifestação de benevolência; mas eis algo que creio dever acrescentar, uma que o *Volksstaat* esqueceu ou negligenciou dizer: em 1848, eu era mais jovem, mais impressionável, e, conseqüentemente, muito menos resistente e indiferente do que hoje; e, mal terminei de ler esta correspondência parisiense do jornal dos Srs. Marx e Engels, apressei-me em escrever uma carta à Sra. George Sand, que era naquele momento muito mais revolucionária do que parece sê-lo hoje, e pela qual eu havia professado uma admiração muito sincera e viva. Esta carta, na qual lhe pedia explicações pelas palavras que lhe atribuíam sobre a minha pessoa, foi-lhe entregue por meu amigo Adolphe Reichel, hoje diretor de música em Berna. A Sra. Sand respondeu-me por uma simpática carta, expressando-me a mais leal amizade. Ao mesmo tempo, endereçou aos Srs. Marx e Engels uma carta enérgica, pedindo-lhes, com indignação, explicações pelo abuso que ousaram fazer de seu nome para caluniar seu amigo Bakunin, pelo qual tinha tanto admiração quanto estima. De meu lado, solicitei a um amigo, o polonês Kolcielski, que se dirigia para Colônia por seus próprios assuntos, que exigisse, em meu nome, dos Srs. redatores do *Neue Rheinische Zeitung*, uma retratação pública ou uma reparação em duelo. Sob esta dupla pressão, esses senhores mostraram-se muito indulgentes, muito amáveis. Publicaram a carta que a Sra. Sand lhes havia endereçado, — uma carta muito desagradável para o seu amor-próprio, — e acrescentaram a ela algumas linhas nas quais expressavam seu descontentamento por terem inserido, em sua ausência, em seu jornal, uma correspondência insensata dirigida contra a honra de seu "amigo Bakunin" pelo qual eles também tinham o coração repleto de afeto e estima. Compreende-se que, depois de semelhante declaração, — o *Volksstaat* pode encontrar em um dos números de julho ou de agosto do *Neue Rheinische Zeitung* de 1848, tanto quanto na lembrança dos Srs. Marx e Engels, que certamente não cometerão o erro de renegá-la, — não precisei mais exigir deles nenhuma outra reparação. Quanto a meu fictício desaparecimento na Rússia, esses senhores sabem melhor do que ninguém que só deixei a Alemanha em 1850, quando, depois de um ano de residência forçada na fortaleza de Königstein, transportaram-me acorrentado para Praga, em seguida para Olmiitz, de onde, em 1851, fui transportado, sempre acorrentado, para São Petersburgo. Sinto um verdadeiro desgosto ao me ver forçado a contar todas essas histórias. Faço isso hoje pela primeira e última vez, a fim de mostrar ao público que tipo de pessoas estou condenado a combater. Sua ferocidade contra mim, que nunca os ataquei pessoalmente, que sequer falei deles e que sistematicamente me absteve de responder as suas agressões imundas, esta persistência odiosa com a qual, desde minha fuga da Sibéria, em 1861, esforçam-se por me caluniar e difamar em todas as suas correspondências íntimas e em todos os seus jornais, constituem a meus olhos um fenômeno tão estranho que até hoje ainda não consegui compreender. O que fazem contra mim não é somente odioso, execrável, é estúpido. E esses senhores

não compreenderam que, atacando-me com essa ferocidade incrível, fizeram mais por minha glória do que eu mesmo pude fazê-lo; pois todas as histórias revoltantes que eles espalham com esse ódio apaixonado contra mim, em todas as partes do mundo, cairão naturalmente sob o peso de seu próprio absurdo, mas meu nome permanecerá, e este nome, que eles terão tão poderosamente contribuído em fazer com que o mundo o conheça, permanecerá ligado à glória real, legítima, de ter sido o adversário impiedoso e irreconciliável, não de suas pessoas, das quais me ocupo muito pouco, mas de suas teorias autoritárias e de sua ridícula e odiosa pretensão à ditadura do mundo. Se eu fosse, portanto, um presunçoso, um vaidoso, um ambicioso, longe de incriminá-los por todos esses ataques, eu deveria agradecer infinitamente, pois, ao se esforçarem em me denegrir, fizeram o que nunca estive em minhas intenções nem em meu gosto fazer: projetaram-me.

Em março de 1870, sempre em nome do Conselho Geral e com a assinatura de todos os seus membros, o Sr. Marx lançou contra mim uma circular difamadora, redigida em francês e em alemão, endereçada às Federações regionais! Só tive conhecimento dessa circular há seis ou sete meses, durante o último processo dos Srs. Liebknecht e Bebel, no qual ela figurou e foi publicamente lida como peça de acusação contra eles. Nesse memorando dirigido, segundo parece, exclusivamente contra mim, e do qual ignoro ainda hoje os detalhes, o Sr. Marx recomenda, entre outras coisas, a seus íntimos, o trabalho subterrâneo na Internacional; em seguida, volta-se contra mim e, entre muitas outras palavras injuriosas, lança-me a acusação de ter fundado na Internacional, e com objetivo evidente de destruí-la, uma sociedade secreta perniciosa, denominada Aliança. Mas o que me parece o cúmulo do ridículo foi que, enquanto eu permanecia bem tranquilamente em Locarno, muito longe de todas as seções da Internacional, o Sr. Marx me acusava de dirigir uma terrível intriga, — vede como alguém se engana algumas vezes ao julgar os homens por si mesmo, uma intriga tendo por objetivo transferir o Conselho Geral de Londres para a Suíça, com a evidente intenção de assentar minha diladura sobre ele. A circular termina por uma demonstração muito sábia e completamente vitoriosa sobre a necessidade que havia — e que não mais existe, hoje, segundo parece — em manter o Conselho Geral em Londres, cidade que parecia ser ao Sr. Marx, até o Congresso de Haia, o centro natural, a verdadeira capital do comércio mundial. Parece que cessou de sê-lo desde que os operários ingleses se revoltaram contra o Sr. Marx, ou melhor, desde que adivinharam as suas aspirações à ditadura e tiveram conhecimento dos meios muito hábeis dos quais fez uso para conquistá-la.

Mas foi a partir de setembro de 1871, época da famosa Conferência de Londres, que começou a guerra decisiva, aberta, contra nós; aberta tanto quanto, da parte de homens tão governamentais : prudentes como o Sr. Marx e seus partidários, podia sê-lo. A catástrofe da França parece ter despertado no coração do Sr. Marx grandes esperanças, assim como os triunfos do Sr. Bismarck — a quem, em uma carta semi-oficial que tenho sob os olhos o Sr. Engels, o alter ego e o amigo mais íntimo do Sr. Marx, apresenta como um servidor muito útil da revolução social — despertaram nele uma grande inveja. Como alemão, sentiu-se naturalmente orgulhoso, como social-democrata consolou-se com o Sr. Engels pelo pensamento de que no final das contas esse triunfo da monarquia prussiana devia se transformar cedo ou tarde no triunfo do grande Estado republicano e popular do qual ele é o patrono; mas como indivíduo, foi cruelmente mortificado ao ver outro que não ele fazer tanto barulho e subir tão alto.

Apelo para a memória de todos aqueles que tiveram a oportunidade de ouvir e ver os alemães durante os anos de 1870 e 1871. Por pouco que se tenham dado a algum trabalho para descobrir a essência de seu pensamento por meio das contradições de uma linguagem equívoca, eles dirão comigo que com poucas exceções, não somente entre os radicais, mas na imensa maioria dos próprios democratas socialistas, ao lado da tristeza muito real que sentiam ao ver uma república sucumbir sob os golpes de um déspota, houve uma satisfação geral diante da França caída tão baixo e da Alemanha elevada tão alto. Mesmo entre aqueles que lutaram mais corajosamente contra essa corrente patriótica que havia invadido toda a Alemanha, mesmo entre os Srs. Bebel e Liebknecht que haviam pagado e que ainda pagam com sua liberdade seus protestos enérgicos contra a barbárie prussiana, em nome dos direitos da França, pode-se observar as marcas indubitáveis desse triunfo nacional. Por exemplo, lembro-me de ter lido em um dos números de setembro de 1870, do Volksstaat, a seguinte frase, da qual, por não ter o número sob meus olhos, não posso agora reproduzir o texto preciso, mas cujo sentido havia me chocado muito vivamente para que eu pudesse esquecer seu sentido e

seu tom geral: "Agora — dizia-se, — que, em consequência da derrota da França, a iniciativa do movimento socialista passou da França para a Alemanha, grandes deveres nos incumbem".

Nessas palavras, encontra-se todo o pensamento, toda a esperança, toda a ambição dos marxistas. Eles acreditam seriamente que o triunfo militar e político obtido ultimamente pelos alemães sobre a França marca o começo de uma grande época na história, a partir da qual a Alemanha é chamada a representar, sob todos os aspectos, o primeiro papel no mundo, sem dúvida pela própria salvação do mundo inteiro. A França e todos os povos latinos foram, os eslavos ainda não são, e por sinal, eles são muito bárbaros para se tornar alguma coisa por eles mesmos, sem a ajuda da Alemanha; somente a Alemanha, hoje, é. Resulta de tudo isso nos alemães um triplo sentido. Em relação aos povos latinos, "outrora inteligentes e poderosos, mas hoje caídos em decadência", eles sentem um tipo de respeito misericordioso, misturado de indulgência; eles são educados, ou melhor, procuram ser educados, pois a educação não está nem nos hábitos, nem na natureza dos alemães. Em relação aos eslavos, simulam o desprezo, mas neste desprezo há muito temor; seu sentimento real por eles é o ódio, o ódio que o opressor sente por aquele que oprime e do qual leme as terríveis revoltas. Em relação a eles mesmos, enfim, tornaram-se excessivamente presunçosos, são vaidosos deles mesmos, o que não os torna absolutamente mais amáveis, e acreditam ser e poder alguma coisa sob o jugo unitário — e revolucionário (acrescentaria sem dúvida o Sr. Engels) — de seu imperador panger-mânico.

O que o Sr. Bismarck fez pelo mundo político e burguês, o Sr. Marx pretende hoje fazê-lo pelo mundo socialista, no seio do proletariado da Europa: substituir a iniciativa francesa pela iniciativa e pela dominação alemãs; e como, segundo ele e seus discípulos, não existe pensamento alemão mais avançado que o seu, acreditou ter chegado o momento de fazê-lo triunfar teórica e praticamente na Internacional. Tal foi o objeto principal, único, da Conferência que ele reuniu, em setembro de 1871, em Londres.

Esse pensamento marxista está explicitamente desenvolvido no famoso Manifesto dos comunistas alemães, redigido e publicado em 1848 pelos Srs. Marx e Engels. É a teoria da emancipação do proletariado e da organização do trabalho pelo Estado. Parece que no Congresso de Haia, o Sr. Engels, apavorado pela impressão detestável produzida pela leitura de algumas passagens deste Manifesto, apressou-se em declarar que se tratava de um documento envelhecido, uma teoria abandonada por eles mesmos. Se ele disse isso, não foi sincero, pois, às vésperas deste Congresso, os marxistas esforçaram-se em disseminar este documento em todos os países. Por sinal, ele se encontra literalmente reproduzido, com todos os seus aspectos principais, no programa do Partido social-democrata dos operários alemães. O ponto principal, que se encontra igualmente no manifesto redigido pelo Sr. Marx, em 1864, em nome do Conselho Geral provisório, e que foi eliminado do programa da Internacional pelo Congresso de Genebra, é a **CONQUISTA DO PODER POLÍTICO PELA CLASSE OPERÁRIA**.

Compreende-se que homens tão indispensáveis quanto os Srs. Marx e Engels sejam partidários de um programa que, conservando e preconizando o poder político, abre a porta a todas as ambições. Visto que haverá necessariamente súditos, vestidos republicaneamente de cidadãos, é verdade, mas que nem por isso serão menos súditos, e que, como tais, serão forçados a obedecer, pois sem obediência não há poder possível. Objetar-me-ão que eles não obedecerão a homens, mas a leis que eles próprios tiverem feito. A isso responderei que todo mundo sabe de que maneira, nos países mais democráticos, mais livres, mas politicamente governados, o povo faz as leis, e o que significa sua obediência a essas leis. Quem quer que não decida tomar ficções por realidades deverá reconhecer que, mesmo nesses países, o povo obedece não a leis que ele próprio faz realmente, mas a leis que se faz em seu nome, e que obedecer a essas leis nunca tem para ele outro sentido senão submeter-se ao arbítrio de uma minoria tutelar e governante qualquer, ou, o que quer dizer a mesma coisa, ser livremente escravo.

Existe nesse programa uma outra expressão que nos é profundamente antipática, a nós, anarquistas revolucionários, que desejamos francamente a completa emancipação popular: é o proletariado, o mundo dos trabalhadores apresentado como classe, não como massa. Sabeis o que isso significa? Nem mais nem menos que uma nova aristocracia, a dos operários das fábricas e das cidades, à exclusão dos milhões que constituem o proletariado dos campos e que, nas previsões dos Senhores social-democratas da Alemanha, tornar-se-ão propriamente os súditos em seu grande listado pretensamente popular. Classe, Poder, Estado são três

lmos inseparáveis, cada um deles supondo necessariamente os dois outros, e todos juntos se resumem definitivamente por essas palavras: subjugação política e exploração económica das massas.

Os marxistas pensam que, assim como no século passado a classe burguesa havia destronado a classe nobiliária para tomar seu lugar e para absorvê-la lentamente em seu corpo, partilhando com ela a dominação e a exploração dos trabalhadores, tanto das cidades quanto dos campos, o proletariado das cidades é chamado hoje a destronar a classe burguesa, absorvê-la e partilhar com ela a dominação e a exploração do proletariado dos campos, esse último pária da história, exceto se este se revoltar e demolir todas as classes, todas as dominações, todos os poderes, e, em unia palavra, todos os Estados, mais tarde.

Assim, eles não rejeitam de maneira absoluta nosso programa. Censuram-nos somente por querermos apressar, superar a lenta marcha da história, e desconhecer a lei positiva das evoluções sucessivas. Tendo tido a coragem bem alemã de proclamar, em suas obras consagradas à análise filosófica do passado, que a derrota sangrenta dos camponeses revoltados da Alemanha e o triunfo dos Estados despóticos no século XVI haviam constituído um grande progresso revolucionário, têm, hoje, a coragem de se congregar com o estabelecimento de um novo despotismo em proveito, por assim dizer, dos operários das cidades e em detrimento dos trabalhadores dos campos.

É sempre o mesmo temperamento alemão e a mesma lógica que os conduz diretamente, fatalmente, para o que denominamos socialismo burguês, e para a conclusão de um novo pacto político entre a burguesia radical, ou forçada a se fazer tal, e a minoria inteligente, respeitável, isto é, devidamente aburguesada, do proletariado das cidades, à exclusão e em detrimento da massa do proletariado não apenas dos campos, mas também das cidades.

Tal é o verdadeiro sentido das candidaturas operárias nos parlamentos dos Estados existentes, e o da conquista do poder político pela classe operária. Mesmo restrito ao ponto de vista do proletariado das cidades, em proveito exclusivo do qual se quer controlar o poder político, não está claro que a natureza popular desse poder nunca será outra coisa senão uma ficção? Será, evidentemente, impossível que algumas centenas ou mesmo algumas dezenas de milhares, melhor dizendo, alguns milhares de homens somente, possam efetivamente exercer esse poder. Eles deverão necessariamente exercê-lo por procuração, quer dizer, confiá-lo a um grupo de homens eleitos por eles mesmos para representá-los e governá-los, o que os fará recair sem falta em todas as mentiras e em todas as servidões do regime representativo ou burguês. Depois de um curto momento de liberdade ou de orgia revolucionária, cidadãos de um novo Estado despertarão escravos, joguetes e vítimas de novos ambiciosos.

Pode-se conceber como e por que políticos hábeis se ligam com uma grande paixão a um programa que abre à sua ambição um horizonte tão amplo; mas que operários sérios, que trazem em seus corações como uma chama viva o sentimento de solidariedade com seus companheiros de escravidão e de miséria no mundo inteiro, e que querem emancipar-se não em detrimento, mas pela emancipação de todos, para eles mesmos serem livres com todos e não para se tornarem, por sua vez, tiranos; que trabalhadores de boa fé possam se apaixonar por tal programa, eis o que é muito mais difícil compreender.

Assim, tenho a firme confiança de que em poucos anos os próprios operários da Alemanha, reconhecendo as consequências fatais de uma teoria que só pode favorecer a ambição de seus chefes burgueses, ou então de alguns raros operários que procuram montar sobre os ombros de outros para se tornarem burgueses dominadores e exploradores, por sua vez, a rejeitarão com desdém e cólera, e abarcarão com tanta paixão como o fazem hoje os operários dos grandes países meridionais, a França, a Espanha, a Itália, assim como os operários holandeses e belgas, o verdadeiro programa da emancipação operária, o da destruição dos Estados.

Enquanto esperamos, reconhecemos perfeitamente seu direito de marchar na via que melhor lhes pareça, desde que nos deixem a mesma liberdade. Reconhecemos inclusive que é bem possível que por toda a sua história, sua natureza particular, o estado de sua civilização e toda sua situação atual, eles sejam forçados a marchar nesta via. Que os trabalhadores alemães, americanos e ingleses se esforcem, portanto, para conquistar o poder político, visto que isso lhes apraz. Mas que permitam aos trabalha-

dores dos outros países marcharem com a mesma energia para a destruição de todos os poderes políticos. A liberdade para todos e o respeito mútuo dessa liberdade, eu disse, tais são as condições essenciais da solidariedade internacional.

Mas o Sr. Marx não quer evidentemente esta solidariedade, pois se recusa a reconhecer esta liberdade. Para apoiar essa recusa, tem uma teoria toda especial, que não é, por sinal, senão uma consequência lógica de todo o seu sistema. O Estado político de todo país, diz ele, é sempre o produto e a expressão fiel de sua situação econômica; para mudar o primeiro, basta transformar esta última. Todo o segredo das evoluções históricas, segundo o Sr. Marx, está aí. Ele não leva em consideração nenhum outro elemento da história, tal como a reação, todavia evidente, das instituições políticas, jurídicas e religiosas sobre a situação econômica. Ele diz: "A miséria produz a escravidão política, o Estado"; mas não permite inverter esta frase e dizer: "A escravidão política, o Estado, por sua vez, reproduz e conserva a miséria, como uma condição de sua existência; assim, para destruir a miséria, é preciso destruir o Estado". E, coisa estranha, ele que proíbe seus adversários de incriminarem a escravidão política, o Estado, como uma causa real da miséria, ordena a seus amigos e a seus discípulos do Partido da social-democracia na Alemanha para considerar a conquista do poder e das liberdades políticas como a condição prévia, absolutamente necessária, da emancipação econômica.

O Sr. Marx desconhece igualmente por completo um elemento muito importante no desenvolvimento histórico da humanidade: é o temperamento e o caráter particulares de cada raça e de cada povo, temperamento e caráter que são naturalmente, eles próprios, produtos de um grande número de causas etnográficas, climatológicas e econômicas, tanto quanto históricas, mas que, uma vez dadas, exercem, mesmo fora e independentemente das condições econômicas de cada país, uma influência considerável sobre seus destinos, e até mesmo sobre o desenvolvimento de suas forças econômicas. Entre esses elementos e aspectos, por assim dizer naturais, há um cuja ação é completamente decisiva na história particular de cada povo: é a intensidade do instinto de revolta, e, por isso mesmo, de liberdade, do qual ele está dotado ou que conservou. Esse instinto é um fato completamente primordial, animal; encontramos-lo em diferentes graus em cada ser vivo, e a energia, a força vital de cada um se compara à sua intensidade. No homem, ao lado das necessidades econômicas que o impulsionam, ele se torna o agente mais poderoso de todas as emancipações humanas. E como é um caso de temperamento, não de cultura intelectual e moral, ainda que solicite comumente uma e outra, acontece algumas vezes que povos civilizados o possuam apenas em fraco grau, seja porque a própria natureza de sua civilização os tenha depravado, seja, enfim, porque, desde o começo de sua história, tenham sido menos dotados do que outros.

Em um escrito precedente³, tentei provar que a nação alemã se encontra precisamente neste caso. Ela possui muitas outras qualidades sólidas que fazem dela uma nação totalmente respeitável: é laboriosa, parcimoniosa, racional, estudiosa, ponderada, sábia, simultaneamente grande argumentadora e apaixonada pela disciplina hierárquica, e dotada de uma força de expansão considerável; os alemães, pouco ligados a seu próprio país, vão buscar seus meios de existência em todos os lugares, e, como já observei, adotam com facilidade, senão sempre, felizmente, os hábitos e costumes dos países estrangeiros onde residem. Mas ao lado de tantas vantagens incontestáveis, falta-lhes uma, o amor pela liberdade, o instinto de revolta. Eles são o povo mais resignado e mais obediente do mundo. Com isso, possuem um outro grande defeito, é o espírito de açambarcamento, de absorção sistemática e lenta, e de dominação, o que faz deles, principalmente neste momento, a nação mais perigosa para a liberdade do mundo.

Tal foi em todo o seu passado, tal é ainda hoje a Alemanha nobiliária e burguesa. O proletariado alemão, vítima secular de uma e de outra, pode tornar-se solidário ao espírito de conquista que hoje se manifesta nas regiões superiores desta nação? De fato, indubitavelmente não. Um povo conquistador é necessariamente um povo escravo, e o escravo é sempre ele. A conquista é, portanto, completamente oposta a seu interesse e à sua liberdade. Mas sendo solidário a ele em sua imaginação, permanecerá solidário enquanto não tiver compreendido que esse Estado pangermânico, republicano e pretensamente popular, que lhe prometem em futuro mais ou menos próximo, outra coisa não seria, se algum dia pudesse se realizar, senão uma nova forma de duríssima escravidão para ele mesmo.

³ O *Império Cnuto-germânico*, do qual só publiquei a primeira parte e me proponho a publicar o restante em breve.

Até o momento, pelo menos, não parece tê-lo compreendido, e nenhum de seus chefes, nenhum de seus oradores, nenhum de seus publicistas se deu ainda ao trabalho de explicar-lhe isso. Todos se esforçam, ao contrário, para conduzi-lo a uma via onde só poderá encontrar a animadversão do mundo e sua própria escravidão; e enquanto obedecer à sua direção, prosseguirá essa terrível ilusão do Estado popular, e não terá, certamente, a iniciativa da revolução social. Esta revolução lhe virá de outra região, provavelmente do sul, e então, cedendo ao contágio universal, desencadeará suas paixões populares e derrubará de uma só vez a dominação de seus tiranos e de seus pretensos emancipadores.

O raciocínio do Sr. Marx chega a resultados absolutamente opostos. Tomando em consideração unicamente a questão econômica, ele diz que os países mais avançados e, em consequência, os mais capazes de fazer uma revolução social são aqueles nos quais a produção capitalista moderna alcançou o mais elevado grau de seu desenvolvimento. São eles que, à exclusão de todos os outros, são os países civilizados, os únicos chamados a iniciar e a dirigir essa revolução. Ela consistirá na expropriação, seja sucessiva, seja violenta, dos proprietários atuais, e na apropriação de todas as terras e de todo o capital pelo Estado, que, para poder desempenhar sua grande missão econômica, tanto quanto política, deverá ser necessariamente muito extenso, muito poderoso e muito fortemente concentrado. O Estado administrará e dirigirá a cultura da terra por intermédio de seus engenheiros remunerados, comandando exércitos de trabalhadores rurais, organizados e disciplinados para essa cultura. Ao mesmo tempo, sobre a ruína de todos os bancos existentes, estabelecerá um banco único, comandado de todo o trabalho e de todo o comércio nacional.

Compreende-se que, de início, um plano de organização tão simples, na aparência pelo menos, possa seduzir a imaginação de operários mais ávidos de justiça e de igualdade que de liberdade, e que imaginam loucamente que uma e outra possam existir sem liberdade, como se, para conquistar e consolidar a justiça e a igualdade, pudéssemos repousar sobre o próximo e principalmente sobre governantes, ainda que eleitos e controlados, como eles dizem, pelo povo! Na realidade, seria para o proletariado um regime de caserna, no qual a massa uniformizada dos trabalhadores e das trabalhadoras despertaria, dormiria, trabalharia e viveria ao tambor; para os hábeis e os doutos, um privilégio de governo; para os judeus, atraídos pela imensidão das especulações internacionais dos bancos nacionais, um vasto campo de fraude lucrativa.

No interior, será a escravidão, no exterior, a guerra sem trégua, a menos que todos os povos das raças "inferiores", latina e eslava, uma, fatigada da civilização burguesa, a outra, mais ou menos ignorando-a e desdenhando-a por instinto, não se resignem a sofrer o jugo de uma nação essencialmente burguesa e de um Estado ainda mais despótico, porque se chamará Estado popular.

A revolução social, tal como é representada, desejada e esperada pelos trabalhadores latinos e eslavos, é infinitamente mais ampla do que a que lhes promete o programa alemão ou marxista. Para eles, não se trata, em absoluto, da emancipação parcimoniosamente medida, só realizável a prazos muito longos, da classe operária, mas da emancipação completa e real de todo o proletariado, não apenas de alguns países, mas de todas as nações, civilizadas e não civilizadas, a nova civilização, francamente popular, que deve se iniciar por esse ato de emancipação universal. E a primeira palavra dessa emancipação só pode ser liberdade, não essa liberdade política, burguesa, tão preconizada e recomendada como objeto de conquista prévia pelo Sr. Marx e seus adeptos, mas a grande liberdade humana que, destruindo todas as correntes dogmáticas, metafísicas, políticas e jurídicas pelas quais todo mundo se encontra hoje oprimido, devolverá a todos, coletivamente tanto quanto indivíduos, a plena autonomia de seus movimentos e de seu desenvolvimento, libertos, de uma vez por todas, de todos os inspetores, diretores e tutores.

A segunda palavra dessa emancipação, é solidariedade; não a solidariedade marxista, organizada de cima para baixo por um governo qualquer e imposta seja pela astúcia, seja pela força, às massas populares; não essa solidariedade de todos, que é a negação da liberdade de cada um, e que por isso mesmo se torna mentira, ficção, tendo por substituto real a escravidão; mas a solidariedade que é, ao contrário, a confirmação e a realização de toda liberdade, originando-se não em uma lei política qualquer, mas na própria natureza coletiva do homem, em virtude da qual nenhum homem é livre se todos os homens que o cercam e que

exercem a mínima influência, direta ou indireta, sobre sua vida, não o são igualmente. Esta verdade se encontra magnificamente expressa nos Direitos do Homem, redigidos por Robespierre, que proclamam que a escravidão do último dos homens é a escravidão de todos.

A solidariedade que pedimos, longe de dever ser o resultado de uma organização artificial ou autoritária qualquer, só pode ser o produto espontâneo da vida social, tanto económica quanto moral; o resultado da livre federação dos interesses, das aspirações e das tendências comuns. Ela tem por bases essenciais a igualdade, o trabalho coletivo, tornado obrigatório para cada um não pela força das leis, mas pela força das coisas, e a propriedade coletiva; por luz norteadora a experiência, isto é, a prática da vida coletiva, e a ciência; e por objetivo final a constituição da humanidade, conseqüentemente, a ruína de todos os Estados.

Eis o ideal, nem divino nem metafísico, mas humano e prático⁴ que sozinho corresponde às aspirações modernas dos povos latinos e eslavos. Eles desejam toda a liberdade, toda a solidariedade, toda a igualdade; em resumo, só desejam a humanidade, e não se contentarão, mesmo a título provisório e transitório, com menos que isso. Os marxistas tacharão suas aspirações de loucura; já faz muito tempo que o fizeram; isso não os desviou em nada de seu objetivo, e eles nunca trocarão a magnificiência desse objetivo pelas pobreza completamente burguesas do socialismo marxista.

A insurreição comunalista de Paris inaugurou a revolução social. O que constitui a importância desta revolução não é propriamente as bem fracas tentativas que ela teve possibilidade e tempo de fazer, são as ideias que agitou, a luz viva que lançou sobre a verdadeira natureza e sobre o objetivo da revolução, as esperanças que despertou em todos os lugares, e, em consequência, a poderosa comoção que produziu no seio das massas populares de todos os países, mas principalmente na Itália, onde o despertar popular data desta insurreição, cujo aspecto principal é a revolta da Comuna e das associações operárias contra o Estado. Por essa insurreição, a França retornou de uma só vez à sua posição, e a capital da revolução mundial, Paris, recuperou sua gloriosa iniciativa à frente e sob o canhão dos alemães bismarckianizados.

O efeito foi tão formidável em todos os lugares que os próprios marxistas, dos quais todas as ideias haviam sido derrubadas por esta insurreição, viram-se obrigados a tirar o chapéu diante dela. Fizeram ainda mais: ao contrário da mais simples lógica e de seus verdadeiros sentimentos, proclamaram que seu programa e seu objetivo eram os deles. Foi um travestimento verdadeiramente bufão, mas forçado. Tinham de fazê-lo, sob pena de se verem ultrapassados e abandonados por todos, de tanto que a paixão que essa revolução havia provocado em todo mundo tinha sido poderosa.

Também é preciso admirar a coragem tanto quanto a habilidade do Sr. Marx que, dois meses mais tarde, teve a audácia de convocar uma Conferência da Internacional, em Londres, para apresentar-lhe seu pobre programa. Esta audácia se explica, por sinal, por dois fatos. Inicialmente, a Paris popular havia sido dizimada, e toda a França revolucionária, com raras exceções, estava momentaneamente reduzida ao silêncio. Em seguida, a grande maioria dos franceses que foram representá-la em Londres era blanquista, e creio ter exposto claramente as causas que levaram os blanquistas a buscarem a aliança com o Sr. Marx, o qual, longe de encontrar adversários nesses representantes autoritários da Comuna de Paris, em Londres, encontrou neles, naquele momento, um forte apoio.

⁴ Prático no sentido de que sua realização será muito menos difícil do que a da ideia marxista, que, ao lado da pobreza de seu objetivo, ainda apresenta esse grave inconveniente de ser absolutamente impraticável. Não será a primeira vez que homens hábeis, racionais, reconizadores de coisas *práticas e possíveis*, serão *reconhecidos* como utopistas, e que aqueles denominados utopistas, hoje, serão reconhecidos como homens práticos no dia seguinte. O absurdo do sistema marxista consiste precisamente nessa esperança, segundo a qual, reduzindo excessivamente o programa socialista para fazê-lo ser aceito pelos burgueses radicais, transformará estes últimos em servidores inconscientes e involuntários da revolução social. Eis aí um grande erro; todas as experiências da história nos demonstram que uma aliança concluída entre dois partidos diferentes volta-se sempre em proveito do partido mais retrógrado; esta aliança enfraquece necessariamente o partido mais avançado, diminuindo, deformando seu programa, destruindo sua força moral, sua confiança em si mesmo; entretanto, quando um partido retrógrado mente, ele se encontra sempre e mais do que nunca em sua verdade. O exemplo de Mazzini que, apesar de sua rigidez republicana, passou toda sua vida em transações com a monarquia, e que, com todo o seu gênio, acabou sempre sendo ludibriado, este exemplo não deve ser por nós esquecido. Quanto a mim, não hesito em dizer que todos os galanteios marxistas com o radicalismo, quer seja reformista, quer

Sabemos, por sinal, como esta Conferência foi sabotada; ela foi composta pelos íntimos do Sr. Marx, selecionados por ele mesmo cuidadosamente, e mais alguns ludibriados. A Conferência votou tudo o que ele acreditou ser bom propor-lhe, e o programa marxista, transformado em verdade oficial, encontrou-se imposto como princípio obrigatório para toda a Internacional.

Mas a partir do momento em que havia uma verdade oficial na Internacional, era preciso um governo para conservá-la. Foi a segunda proposição do Sr. Marx; ela foi votada, como a primeira. Daí em diante, a Internacional se encontrava acorrentada ao pensamento e à vontade do ditador alemão. Deram-lhe o direito de censura sobre todos os jornais e sobre todas as seções da Internacional. Reconheceram a urgência da correspondência secreta entre o Conselho Geral e todos os conselhos regionais; concederam-lhe, além do mais, o direito de enviar agentes secretos a todos os países, afim de intrigar em seu favor e levar-lhes à desorganização, para a maior glória do Sr. Marx; em resumo, investiram-no de um poder secreto completo.

Para assegurar sua tranquila fruição, o Sr. Marx pensou dever tomar mais uma medida. Era-lhe preciso, a qualquer preço, desacreditar, perante a opinião pública, os adversários de sua ditadura, e me fez a honra de conceder-me o primeiro lugar entre essas pessoas. Para isso, fez vir de Genebra seu pequeno comparsa e compatriota, Sr. Utin, que, sem ter sido investido de alguma delegação oficial, parece ter ido a Londres somente para espalhar contra mim, em plena Conferência, todos os tipos de infâmias e horrores. Ignoro ainda agora o que ele disse, mas julgo pelo fato que se segue. O cidadão Anselmo Lorenzo Asprillo, delegado da Federação espanhola, de volta à Espanha, tendo sido interrogado por alguns de meus amigos, escreveu-lhes esta frase:

"Se Utin disse a verdade, Bakunin deve ser um infame; se mentiu, Utin é um infame caluniador".

E observai que tudo isso se passou completamente sem que eu soubesse, e só tive conhecimento deste fato por esta resposta do Sr. Lorenzo Asprillo, que só me foi comunicada no mês de abril ou maio.

Uma circular do Conselho Geral, transformado desta maneira em governo oficial, comunicou, enfim, à Internacional estupefata o golpe de Estado que acabara de sofrer. Creio que o Sr. Marx, enfatuado por seu triunfo, muito fácil para ser sólido, e pelo poder ditatorial do qual o investiram, conduzira-se irrefletidamente a ponto de não desconfiar da terrível tempestade que seu golpe de Estado devia provocar nas regiões independentes da Internacional. A honra da primeira revolta pertence à Federação do Jura⁵.

seja revolucionário, dos burgueses, não podem ter outros resultados senão a desmoralização e a desorganização do poder nascente do proletariado, e, conseqüentemente, uma nova consolidação do poder estabelecido dos burgueses.

⁵Aquí se interrompe o manuscrito.